

# A história que antecede a escrituralidade dos hunsriqueanos brasileiros: cartas do período napoleônico (1805-1813)<sup>1</sup>

Harald Thun (Kiel)

René Wilkin (Liège / Lüttich)

## 1 O Hunsrück “geográfico” e o Hunsrück “mental”

O árduo trabalho de descobrir a origem exata de todos os imigrantes alemães no Brasil,<sup>2</sup> cujos descendentes se denominam como hunsriqueanos, ainda não foi concluído. Porém, graças à contribuição de mapas geolinguísticos que permitem reconstruir a situação no território de partida<sup>3</sup> e a outros que mostram a situação atual da língua no território de chegada, na América do Sul<sup>4</sup>, pode-se ter já a certeza de que a região de onde partiram esses agora hunsriqueanos brasileiros não se resume à área mais montanhosa que carrega o nome de Hunsrück e que se estende a oeste de Koblenz na direção sudoeste até a fronteira com a França e Luxemburgo. O Hunsrück geográfico, como uma região bastante pobre, parece ter sido muito mais a área central dessa emigração. O Hunsrück “mental”, existente na memória dos descendentes desses imigrantes, atinge proporções muito maiores. Dele fazem parte também grandes áreas de Rheinhessen, Saarland, e supostamente também do leste da Alsácia-Lorena (Ostlothringen, França), além da região do Eifel e do leste da Bélgica e do Luxemburgo.

---

1 Texto traduzido do alemão para o português por Cléo Vilson Altenhofen & Gerônimo Loss Bergmann.

2 Com base em livros paroquiais, listas de passageiros e imigrantes, além de cartas do âmbito privado.

3 De grande auxílio para a comparação geolinguística são ambos os atlas de G. Drenda, 2008, *Kleiner linksrheinischer Dialektatlas. Sprache in Rheinland-Pfalz und Saarland*, Stuttgart, e Drenda, 2014, *Wortatlas für Rheinhessen, Pfalz und Saarpfalz*, Sankt Ingbert.

4 Esse é o objetivo do Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Rio da Prata: Hunsrückisch (ALMA-H), já com os primeiros mapas produzidos, a ser publicado por Cléo Altenhofen e Harald Thun.

O desenvolvimento histórico propiciou que surgisse e fosse conservado um *corpus* abrangente de cartas privadas escritas por pessoas da classe baixa, nessas áreas de língua alemã na Bélgica e na fronteira com a Alemanha, situadas a noroeste do Hunsrück geográfico. Essas cartas pertencem à história que antecede a escrituralidade dos hunsriqueanos que emigraram para a América.

## 2 Constituição do *corpus* de cartas de hunsriqueanos

Na história dos documentos [testemunhos] escritos sobre a emigração alemã produzidos de forma direta<sup>5</sup>, os hunsriqueanos estão bem à frente. A emigração desse grupo para o Brasil iniciou em 1824, precede portanto praticamente em uma geração as grandes ondas emigratórias desencadeadas pela malograda revolução de 1848. Queremos chamar aqui atenção para o fato de que a escrituralidade coletiva entre os hunsriqueanos já é atestada bem antes de 1824, aproximadamente 45 anos, isto é, uma geração e meia antes de 1848.<sup>6</sup> Nos encontramos, aparentemente, em uma situação extremamente favorável de poder reconstruir a escrituralidade cotidiana em um grupo de falantes de dialeto, de aproximadamente 1800 até hoje – logo, por um período de mais de 200 anos – e com base impreterivelmente em textos do cotidiano escritos pelos próprios falantes de dialeto. Do mesmo modo que se construiu, por meio de cartas, uma ponte de papel através do Oceano Atlântico, para superar a separação entre familiares provocada pela emigração, também a separação, vinte anos antes, de uma geração inteira de jovens que não puderam ficar com suas famílias deu o impulso maior para que esses escrevem. Em poucas palavras, o contexto histórico é o seguinte:

---

5 Aqui, nos referimos apenas a documentos escritos [de forma direta] por emigrantes, excluindo descrições de terceiros a respeito da emigração ou ainda reflexos no que se denomina de ‘oralidade literarizada’.

6 A coletânea publicada por J. Macha et al. (2003), com o título “*Wir verlangen nicht mehr nach Deutschland*”. *Auswandererbriefe und Dokumente der Sammlung Joseph Scheben (1825-1936)*, Frankfurt am Main, não reproduz as cartas no original, e sim apenas as transliterações feitas por Scheben. A maior parte das cartas dizem respeito à América-do-Norte, para onde se dirigiu o fluxo principal da emigração. Scheben não era muito familiarizado com o português, como mostram algumas formas que ele apresenta de forma claramente deturpada. Também em Scheben se baseia St. Elspaß (2005), em seu estudo sobre *Sprachgeschichte von unten. Untersuchungen zum geschriebenen Alltagsdeutsch im 19. Jahrhundert*, Tübingen.

Em 1795, o bispado de Lüttich se anexou à República Francesa e foi transformado no *Département de l'Ourthe*, que existiu até 1814. O serviço militar obrigatório foi se implementando com cada vez mais força. Do antigo bispado juntaram-se à parte leste do novo *Département* alguns territórios de língua alemã. Após a Primeira Guerra Mundial, uma parte desses territórios (Eupen e Malmédy) passou a pertencer à Bélgica, enquanto outra parte permaneceu alemã (como as áreas ao redor de Monschau, Schleiden, Dahlem, Hallschlag) e, hoje, pertencem aos estados de Nordrhein-Westfalen e Rheinland-Pfalz. Nesses territórios de língua alemã, poucos se engajaram para o serviço militar, de modo que a resistência contra o alistamento era grande, conforme relatam E. Fairon e H. Heuse, em sua obra clássica *Lettres de grognards* (Liège - Paris, 1936, p. 2), e como também mostram nossas cartas. Dessas cartas, seguem alguns testemunhos da resistência ao serviço militar. Um soldado sente-se por meio do serviço militar como “*gekreuzich get*” (‘um crucificado’) (Johannes-Wilhelm Hilgers de Crombach, carta escrita em Givet, em 05.10.1807); outro se diz estar em “*ein betrübter soldaten stand*”, isto é, em ‘um estado de soldado infeliz’ (carta 9, l. 8, da seção B. Documentos). Para um terceiro soldado, não existe perspectiva de melhora (“*und weider gehet uns schlecht in unseren Soldatenleben*”, carta 4, l. 6s.). Muitos se entregam resignados ao seu destino e se consolam com a religião (carta 5, l. 74-79).

Deserções estavam na ordem do dia (cf. carta 4, l. 23s.; carta 10, l. 31, etc.). Quem estava livre do serviço militar, podia considerar-se uma pessoa de sorte: “*ja nun grüße ich auch mein Bruder Paulus auch vielmal daß er Gott und seinen lieben Aeldern nicht genuch danken kann dass er zu hause geblieben ist wie ich hoffe das er noch zu hause ist*” (carta 4, l. 20s.). Com uma dedicação impressionante, os que se tornaram soldados tentam poupar seus irmãos mais novos desse destino infeliz. A lei restringia o serviço militar obrigatório, em princípio, ao filho mais velho. Quando se podia comprovar que esse estava em meio às bandeiras, os irmãos mais novos deveriam ser isentos. Para isso, eram necessárias provas, um *certificat* ou – antes disso – uma carta que o soldado tivesse enviado da tropa para casa pouco tempo antes. Em quase todas as nossas cartas, fala-se nesses certificados. Os destinatários tinham que entregar a carta ao prefeito (“*maire*”, p.ex. carta 4, l. 88), que então a acrescentava aos documentos. Foi dessa forma que muitas cartas pessoais acabaram por se tornar parte de documentos oficiais, o que explica por que essas cartas aparecem guardadas em arquivos públicos.

### 3 *Corpus* e princípios de edição

O Arquivo Estatal de Lüttich / Liège possui um número extremamente grande dessas cartas (1.183, segundo FAIRON & HEUSE, p. XI). A maior parte está escrita em francês, algumas em flamengo e 181 delas em alemão.<sup>7</sup> Dessas últimas, selecionamos dez, as quais também serão inseridas na edição completa das cartas alemãs, que René Wilkin, historiador em Lüttich / Liège, e eu estamos organizando. Após anos de trabalho, R. Wilkin organizou, catalogou e transliterou o acervo completo de “*lettres de grognards*” de Lüttich / Liège, além de ter reunido a partir de outras fontes todos os dados disponíveis a respeito dos escreventes e receptores das cartas. Eu mesmo me vali da base do trabalho iniciado por Wilkins para transliterar mais uma vez as dez cartas apresentadas neste volume, acrescentando as explicações necessárias. Como historiadores, Fairon e Heuse recortaram, modernizaram

7 Fora o que apresentam Fairon & Heuse, parece que até agora apenas um terço das cartas alemãs desse enorme *corpus* foi publicado, e isso em órgãos de difícil acesso. Em contrapartida, no entanto, boa parte dessas publicações tem respeitado as exigências da linguística, de uma transcrição diplomática. Nos são conhecidos de um volume de revista regional do leste da Bélgica organizado em 2012: G. Smets e F. De Bock (1972), „Ein Einwohner aus Hergenrath in der Grande Armée. Johannes Heinrichs Berners aus Hergenrath schreibt nach Hause“, in: *Im Göhlthal. Zeitschrift der Vereinigung für Kultur, Heimatkunde und Geschichte im Göhlthal*, n. 11, p. 19—25 (duas cartas com fac-símile). Na mesma revista, encontramos mais três artigos, respectivamente com fac-símiles: A. Bertha & W. Meven (1975), “*Unveröffentlichte Briefe aus der Franzosenzeit*”, in: n. 18, p. 69—77 (incluindo duas cartas de soldados do Stadtarchiv de Aachen); A. Bertha & W. Meven (1976), “*Unveröffentlichte Soldatenbriefe aus der Franzosenzeit*”, in: n. 20, p. 53—65; e A. Bertha (2003), “*Soldatenbriefe aus der napoleonischen Zeit*”, in: n. 73, p. 24—37. Infelizmente, não tive (H. Thun) acesso ao trabalho de conclusão de F. De Bock (1968), *Vierzig deutsche Briefe von Napoleonischen Soldaten aus dem Département de l’Ourthe*, apresentado em Gent, Bélgica. H. Thun publicou uma carta (nº VIII) em seu artigo “*Sukzessive Relexifizierung im deutschen und rioplatensischen Hunsrückischen*”, in: Th. Stehl, C. Schlaak, L. Busse (Hrsg.), *Sprachkontakt, Sprachvariation, Migration: Methodenfragen und Prozessanalysen*, Frankfurt am Main, 2013, p. 91—134, (carta na p. 110). Recorremos às ideias formuladas nesse artigo, para elaborar o presente volume de cartas. Na revista *Zwischen Venn und Schmeifel. Zeitschrift für Geschichte, Folklore und Kultur (Arquivo estatal de Eupen)*, Walter Reuter publicou um total de 11 artigos em sequência, com o título “*Für Kaiser und Vaterland: Soldaten Napoleons schreiben an ihre Eltern*” (do n. 6, de 1978, até o n. 4, de 1979), nos quais respectivamente reproduz diversas cartas de soldados escritas em alemão, retiradas do acervo de Lüttich. Tal se dá, no entanto, adaptado à “maneira de escrever de hoje (“*in heutiger Schreibweise*”), “para facilitar a leitura” (n. 6, 1978, p. 81, tradução nossa). Reuter segue, portanto, a tradição de historiadores, e não da linguística.

e corrigiram as cartas para fins específicos, e só em alguns raros casos, reproduziram as cartas por completo, inserindo um fac-símile. Nossa edição, por outro lado, tem como objetivo a transcrição completa e diplomática (fidedigna) das cartas conforme o original. Fairon e Heuse acreditam que uma transcrição diplomática das cartas, com todas as suas “*fantaisies orthographiques*” (‘fantasias ortográficas’) poderia expor o leitor a insolucionáveis “*rébus et charades*” (‘enigmas e charadas’) (op. cit., XIV). Nós, pelo contrário, defendemos que é justamente a tarefa da linguística documentar esses enigmas da maneira mais exata possível, apontando para suas regularidades internas e, na medida do possível, descrevendo desvios e aproximações de uma norma (*Normbefolgung und Normabweichung*). Conforme mostram as dez cartas e as demais cartas que compõem o presente volume, também buscamos respeitar a divisão das cartas em linhas e páginas, conforme o original. Palavras e sequências difíceis são devidamente explicadas; excertos de difícil leitura ou completamente ilegíveis foram sublinhados ou sinalizados com um ponto de interrogação. Como, nesse período da história da escrita, a pontuação estava recém sendo implementada, acrescentamos em início de frase, onde faltou pontuação, um traço duplo < || > (que nenhum dos autores utilizou), com o intuito de facilitar a compreensão.

#### 4 Condições de comunicação

A troca de cartas entre um soldado e sua casa paterna dava-se sob condições muito adversas. Tais dificuldades referiam-se, antes de tudo, ao canal, para usar um termo da teoria da comunicação; isto é, o caminho desde o momento da decisão de escrever uma carta, passando pelo correio até chegar ao destinatário, para ser lida. O serviço de correio era ainda pouco desenvolvido, incerto e, em tempos guerra, sujeito ao controle da censura militar. Era comum que o destinatário pagasse os custos da postagem. Esse é o motivo pelo qual Johannes Wolff, por exemplo, faz um pedido aos seus pais: “*mache mir den Brief frey auff den Bost*” (carta 3, l. 34s.). O mesmo escreve Johannes Braun: “*und machet mir den brief frey op der Post dan ich kan im nicht bezahlen*” (carta 2, l. 17s.). Quem não podia pagar a postagem, não recebia a carta. Muitas cartas terminam com a fórmula italiana ou adaptada ao francês “*cito, cito*” / “*sitôt, sitôt*”, com a recomendação para que os correios levassem a carta com rapidez. Peter Schütt testa dois tipos de postagem, para saber qual era “*der geschwinste und peste*”, isto é, ‘a mais rápida e melhor’ (carta 10, l. 67s.). Em relação ao número de cartas que se perderam, tem-se

nas reclamações do soldado Thoss, que já tinha escrito três cartas sem receber resposta, uma breve noção (carta 6, l. 6). O recorde parece ser o de Johannes Bauthen ou Pauten, oriundo de Dahlem, que contabilizou 18 cartas sem resposta: “*ich hab euch 18 brief geschrieben nach hus und ich hab keine ant wort daruf be kommen*” (carta de 20.04.1810, escrita em “Cremang”). Aumentar a insegurança em relação ao correio era parte das estratégias da guerra. Sabemos que, p.ex. na Campanha da Rússia, o inimigo abordava o serviço postal francês, não apenas para tomar conhecimento das intenções do adversário, mas também para desmoralizar os soldados inimigos.<sup>8</sup>

Dois fatores interferiam no conteúdo das cartas: o longo período para transporte das cartas tornava sem sentido relatar situações únicas e momentâneas, daí preferir-se escrever sobre fatos mais duradouros (colheita, situação do gado, saúde, alimentação, finanças); além disso, a censura militar proibia relatos sobre movimentos de tropas ou similares. Ainda assim, encontramos informações desse tipo. Isso mostra que muitas cartas escapavam à censura, ainda que ela fosse efetiva na difusão do medo de represálias. Wilhelm Pip encerra seu relato sobre o mau abastecimento de sua tropa na Espanha, com as seguintes palavras: “*weiter will ich euch nicht schreiben*”, isto é, ‘não quero escrever mais detalhes’ (carta 8, l. 28s.). Outro remetente, Quirin Pommey, de Membach, cantão de Limburgo, se exprime de forma mais explícita, alertando que ‘não pode escrever mais, porque os franceses abrem as cartas por causa da guerra’: “*neues Schreiben dürfen wir nicht Viel, wegen dass die fra[n]zosen alle brief aufbrechen derwegen dürfen wir nicht von kreich [= Krieg] schreiben*” (em 14.03.1812). Aos problemas que impedem um rápido fluxo de informações no canal, precisamos acrescentar também dificuldades que têm a ver com a falta do material para escrever e com a movimentação da tropa. É o que narra W. Pip, na carta 8, l. 11ss.: “*ihr habet mir gleich antwort begehrt aber ich habe euch nicht zuruk können schreiben die weil wir auf den marsch seind gewesen habe ich euch noch nicht zuruk können schreiben und nun seind mir ejetz ein / wenig still stand da hab ich gedenkt das ich nach hause mus schreiben*”.

## 5 Período e quadro da alfabetização

As cartas selecionadas cobrem o período de 1805 a 1813. Trata-se de um período relativamente curto, que no entanto revela uma atividade

---

8 Veja-se *Lettres interceptées par les Russes durant la campagne de 1812*, publiées et annotées par Léon Hennet et le commandant Emm. Martin, Paris, la Sabretache, 1913.

escrita bastante intensa. Temos conservadas, principalmente,<sup>9</sup> cartas de soldados jovens. Contudo, sabemos que também havia mulheres que escreviam (cf. carta 6, l. 20) e também que a geração dos pais dominava a escrita, pois Johannes Thoss, que por muito tempo não recebeu resposta às suas cartas, pergunta a seus pais, em tom de cobrança e de forma irônica, se a escrita estava tão complicada (“*beschwerlich*”) para eles (carta 6, l. 8s.). Certamente, nem todos sabiam escrever. Em algumas cartas, percebemos que quem escrevia era outra pessoa, e não o próprio remetente. Algumas cartas foram, além disso, escritas por mais de um remetente e para mais de um destinatário. Apesar de tudo isso, o número de correspondentes que muito provavelmente escreveram eles próprios suas cartas é suficientemente alto, para reconhecer uma alfabetização já bastante difundida,<sup>10</sup> embora não com proficiência completa, no sentido de uma correspondência exata com a norma *standard*. Com isso, pode-se concluir que a sociedade hunsriqueana já antes da emigração para o Brasil tinha familiaridade com a leitura e a escrita. Como levam a crer as profissões exercidas por nossos soldados antes de serem alistados, a alfabetização realmente atingia as pessoas comuns, incluindo agricultores, artesãos e trabalhadores autônomos. No que diz respeito à conformidade com a norma escrita, nossos autores se aproximam dela em níveis distintos. Nenhum deles a domina por completo.

Constitui um aspecto central da história da escrituralidade dos hunsriqueanos, que precisa ser pesquisado mais a fundo, verificar em que medida esta conformidade à norma foi de fato alcançada nas diferentes áreas de imigração. Para muitos, a substituição da língua-teto (al. *Dachsprachenwechsel*), isto é, a transição do alemão para o português, pode ter interferido nesse processo.

## 6 Motivos para escrever

Não é difícil de entender por que os soldados escreviam cartas. Em primeiro lugar, está o desejo de não perder seu lugar na sociedade de origem, apesar da distância que o separava da terra natal. Todos esperam

---

9 À exceção de alguns requerimentos dos pais às autoridades.

10 A. Bertha & W. Meven compartilham também dessa posição: “*Die Verschiedenheit des Schriftbildes zeigt, daß die meisten Rekruten aus unserer Gegend doch soweit geübt waren, daß sie selbst einen Brief schreiben konnten, wenn auch oft in ungelenker Schrift und in für uns unklaren Formulierungen. Besonders erschwert wird das Verständnis oft durch das Fehlen jeglicher Zeichensetzung*” (Im Göhlal, 1976, n. 20, p. 53s.)

poder ter esse lugar logo de volta. Diferente dos emigrantes, que sabem que sua despedida era para sempre, os soldados querem de todas as maneiras manter seu “capital social”, para usar um termo de Pierre Bourdieu<sup>11</sup>. Não receber nenhuma notícia de casa era para eles um golpe duro (“*hart*”, carta 6, l. 40); o contato com a família e os amigos era para eles até mais importante do que o dinheiro (“capital econômico”), que a maioria de seus parentes pedia devido à situação catastrófica de abastecimento no exército francês. Sem notícias de casa, um soldado acreditava precisar morrer (“*stärben*”, carta 6, l. 41). Todos pediam por notícias detalhadas e verdadeiras (“*auf Risste*”, carta 3, p. 34) sobre as colheitas, o gado e também sobre a *Kirmes*<sup>12</sup>. A necessidade de não perder o vínculo com a terra natal se ameniza na procura por uma espécie de substituto, na descoberta de um camponês, entre os camaradas, de preferência um conhecido originário da mesma localidade: “*Ich habe viell deuche Kameraten hier gefonden | des ich mich sehr erfreuet hab*” (carta 1, l. 27s.); “*Ich habe jetz deusche kammeraden angedrofen Ich habe auch ein deuscher schlaß Kamārat, der hörd Nach Walder Roth, bober dem Lüsich, Es ist kein mer in den KasSarmen der nader beÿ meinem Vatterland zu hauß ist*” (carta 5, l. 26s.).

A transmissão do “capital cultural”, isto é, do conjunto dos novos conhecimentos adquiridos, não aparece tão evidenciado como nas cartas dos emigrantes, que tinham muitas novidades para contar sobre o Novo Mundo e que podiam circular livremente. Apesar disso, encontram-se descrições pertinentes, como a de Johannes Stoff, que vivenciou pela primeira vez os fenômenos de maré alta e baixa em St. Malo (carta 5, l. 20). Apesar da construção formal semelhante e da formalidade das cartas, a expressão de sentimentos não se ausenta em muitas delas, de modo que nada nos impede de classificar essas cartas, também por seu conteúdo, como cartas de cunho privado (“*lettres intimes*”). A. Bertha & W. Meven avaliam com razão: “acima de tudo, essas cartas dão testemunho de uma necessidade humana e, em seu tom ingênuo, como de uma criança, têm algo que nos toca e às vezes nos faz refletir”<sup>13</sup> (tradução nossa).

11 P. Bourdieu (1980), “Le capital social. Notes provisoires”, in: Actes de la recherche en sciences sociales 31, p. 2-3.

12 No Brasil, usado mais frequentemente como *Kerb*, festa comum nas colônias e ligada à igreja local.

13 Original: “vor allem aber sind diese Briefe Zeugnisse menschlicher Not und in ihrem naiv-kindlichen Ton haben sie etwas Rührendes, das uns manchmal nachdenklich stimmt.” (“Unveröffentlichte Soldatenbriefe aus der Franzosenzeit”, in: Im Göhlal, 1975, n. 18, p. 69.)

Johannes Lammert (carta 6) se incomoda em relação ao seu irmão – que, tudo indica, o enganou – por motivos que não conseguimos entender muito bem. Johannes Stoff (carta 5) está furioso com um camarada seu, que – se interpretamos corretamente essa passagem obscura – supostamente simulou uma doença para tirar vantagem. Peter Schütt apela de maneira insistente à obrigação do pai de cuidar dele como filho e reconhece que, no dia em que se comemorou a *Kirmes* em sua comunidade de origem, Wollseiffen-Einruhr, chorou ‘amargamente’ e ‘com dor no coração’ (“*herzenleit*”, “*bitterlich*”, carta 10, l. 44s.). Nesse sentido, as cartas equivalem a testemunhos valiosos do olhar que as classes mais baixas tinham sobre um acontecimento turbulento da época. Mas elas também são, ao mesmo tempo, uma amostra inesperada e bem-vinda para o estudo da história da língua.

## 7 Observações linguísticas

### 7.1 Hochdeutsch intencional

Valem aqui algumas observações a respeito da língua. Por trás de todas as nossas cartas alemãs, é possível identificar a intenção de seus autores de escrever em Hochdeutsch (= alemão *standard*). De nenhum deles podemos suspeitar que tenha cogitado de se expressar por escrito em seu dialeto, embora isso fosse possível para todos que entenderam o princípio som/fonema-grafema de nossas escritas baseadas no alfabeto.<sup>14</sup> No entanto, conforme já dissemos, nenhum de nossos autores consegue escrever perfeitamente na norma *standard* vigente nesse período. Esta deve ter sido acessível a eles apenas parcialmente. Eles se aproximam da norma em diferentes graus de distância da intenção desejada. Identificamos nas cartas um tipo de alemão regional que se caracteriza por uma espécie de mistura regular de uma base escrita do *Hochdeutsch*, à qual também se somam elementos dialetais, além de marcas da língua falada e de uma série de galicismos. A esses elementos somam-se ainda padrões de construção do texto com os quais os autores das cartas de alguma maneira também tiveram contato, seja na escola ou por meio da

---

14 Cf. sobre isso: H. Thun (2018), “Substandard und Regionalsprachen. Das *Corpus Historique du Substandard Français*, die écriture populaire und die écriture alternative (1789-1918)”, in: B. Schäfer-Prieß, R. Schöntag (Hrsg.), *Seitenblicke auf die französische Sprachgeschichte. Akten der Tagung Französische Sprachgeschichte aan der LMU München (Oktober 2016)*, Tübingen, p. 257–303.

leitura individual. Queremos nos aprofundar um pouco nesses aspectos, mas sem tentar tirar dos textos tudo o que eles contêm. Esses mesmos aspectos podemos seguir analisando na descrição mais ampla da história da escrituralidade dos hunsriqueanos. Eles descrevem de maneira mais exata como era a língua escrita que os hunsriqueanos levaram junto em sua bagagem cultural, quando atravessaram o Atlântico. Eles nos permitem ter acesso ao estado do dialeto da época e representam a primeira fase do contato do *Hunsrückisch* com uma língua românica, isto é, o francês. Na sequência, irão seguir-se os contatos intensos com o português e o espanhol na América do Sul.

## 7.2 Escrita fonética

Como ocorre frequentemente entre escreventes de cartas da classe mais baixa, a tendência à escrita fonética – que não deixa de ser o princípio fundamental das nossas escritas baseadas no alfabeto – está aí bastante arraigada. Isso nos facilita o reconhecimento de elementos dialetais, regionais e da língua falada. Para os elementos provenientes do dialeto, sequer deve ter havido uma imagem gráfica em que esses escreventes pudessem se orientar, ao escrever. Nas dez cartas que selecionamos, como em todo o *corpus*, a fricativação de sílabas terminadas em *-g* e a dessonorização de *-b* e *-d*, que também atinge elementos do alemão-*standard*, aparecem de maneira especialmente frequente: *vielgelepste, ich bleip, lop* (= *Lob*); *traurich, krieche* (= *Krieg*), *genuch, mein höchstes Verlangen, machtenburg* (= *Magdeburg*), *sacht Im* (= *sagt ihm*) *bekompt, balt, wirt* (= *wird*), *freunt; da schprechen sie*. O comportamento oposto é dado pela hipercorreção: *schlegt* (= *schlecht*), *Nigden* (= *Nichten*), *gleig* (= *gleich*), *zigen / zihgen* (= dial. [*'tsiçən*] *ziehen*).

Uma marca do *substandard*, na qual convergem dialeto e alemão regional, diz respeito à incerteza constatada também entre os hunsriqueanos no Brasil na realização das consoantes oclusivas em início de sílaba: *par/bar* (“*Paar*”), *peste* (= *beste*), *breisen, drostreich, prief, Tisserthör, ente* (= *Ende*), *brüter* (= *Brüder*), *Viel daussen Mahl, guden, künde, gedümel, ich tänken / ich dänken, eine schoben Wein*. Inclusive nomes próprios e palavras francesas são atingidos: *huberdus, baulus, nabolium* (= *Napoleon*), *Baris* (= *Paris*), *bortigal* (= *Portugal*) *arrontissement, Malmetej* (= *Malmédy*), *patalien, Blace* (= *Place*).

O traço fonético [j] em lugar de [g] e, no sentido inverso, o uso hipercorreto de [g] no lugar de [j] permite identificar inclusive uma classificação subdialetoal: *jar* [= *gar*], *jegangen, Jehn, Juth* vs. *getz*.

### 7.3 Morfologia

São marcas morfológicas do *substandard* presentes nas cartas: *mir* (= *wir*), forma de tratamento de cortesia com *der / dir*: *diesses ist meine attress der dir mir zurück Machen Must*; plural *dennen*; formas verbais como *ich hab gedenkt, ob es an die adresse leid, da haben wir geleigen, das ich aus spangen bin kommen, gemarsierd*, verbo na 1ª pessoa do singular idêntico ao infinitivo: *ich tänken, ich denken*; perífrase com uso do verbo *tun/dun*: *ich dut von euch verlangen, ich dut Euch Dausend mal Sehr Begruessen*; redução do sistema de casos: *ich grüße mein Bruder Paulus, Meinen Reise hat sich so betragen, ich konde keiner Kammerath mehr antrefen; mein alt Vatter und alt Mutter*; pronome relativo universal *wo*: *die wo dieses dieren [= desertieren]*.

### 7.4 Sintaxe

Também na sintaxe se observa uma forte influência dialetal ou de variedades regionais, como mostra o uso disseminado do dativo possessivo em vez do genitivo: *ich grüsse dem Scherzer seine Aeldern, ich lasse auch dem Hilger sein Vater und Schwestern grüßen*; conjunções e preposições: *wegen das ich so lang in der spidal sein gewesen, Ich habe ein grosses verlangen um zu wissen; vor statt für vor wasen laßen, vor der marmit zu Schmiren*.

### 7.5 Léxico

Elementos do *substandard* no léxico (dialelismos, regionalismos, em parte arcaísmos no Hochdeutsch): *Ohmen und Tanden, mon/Möhne, Pätter, Gote, Nahber, Hornung, heumonat, Fröchte* (= Getreide), *op frans, mauen* (= Ärmel), *verhofen, sop/zub* (= Suppe), *frich* (= frisch), *deuche* (= deutsche), *doth; das ist mir hart, dee fraach*, etc.

### 7.6 Contato linguístico com o francês

As consequências do contato com o francês podem ser identificadas em diferentes níveis: no nível da aprendizagem da língua, da substituição linguística, do code-switching, da adoção eventual ou permanente de palavras e expressões francesas, bem como da reescrita de nomes alemães sob influência do francês.

Não encontramos nada que nos apontasse para uma determinação das autoridades militares para escrever cartas em francês. No entanto, constata-se esporadicamente uma pressão particular, que no seguinte exemplo foi recusada:

*“ihr schreybet mir das ich euch auffransöhsich solt schreyben warum nicht so guth auf teutsch als frans ich kann es nicht exzplizieren auf frans wie auf teutsch”* (L. Flauen, natural de Eupen, ao seu pai, em carta escrita em Palmanova/ Itália, 18.12.1807).

Existem algumas cartas escritas em francês, cujos autores possuem nomes alemães e provêm de regiões de língua alemã. Simon Pip, de St. Vith, escreve para o seu pai, por exemplo, em francês (10.10.1806; compare-se a carta 8, de Wilhelm Pip, natural de St. Vith). Porém, não é fácil determinar se eles já sabiam francês antes do serviço militar ou se até mesmo eram bilíngues. No exército, havia algumas oportunidades de aprender francês por alfabetização formal, conforme relata “Joan Biere Koenings” (Jean-Pierre / Hans-Peter Koenigs), natural de Steffeln, que teria aprendido na guarda nacional: „*hätte können lehren französch lehren lesen und schreiben und auch schpilen auf der klannt*“ (= clarinete), carta de 24 de julho, s.a., Den Haag / Haia.

O *code-switching* em um mesmo texto ocorre isoladamente. Assim termina, por exemplo, uma carta escrita em alemão, em que um autor emprega uma expressão muito conhecida na correspondência francesa: “*Je suis pour la vie votre Chere fils frère et beau frere et ami.*” (Jean Barthélemy Menicken, natural de Raeren, carta de 23.04.1813, escrita em “Château-thierry”). Por questões que se podem deprender das cartas, o endereço muitas vezes é escrito em francês, sendo que, para a resposta, costumava-se acrescentar a observação: “*daß müßt ihr auf frans dar auf satzen*”, ou seja, ‘isso vocês precisam traduzir para o francês’ (carta 6, l. 48s.). Para o endereço, aplica-se uma substituição linguística na grafia; ao invés da *Kurrentschrift* alemã, emprega-se, para alívio do leitor moderno, a escrita latina, utilizada na França. Essa substituição da grafia é feita pelos hunsriqueanos também no Brasil, na Argentina e no Paraguai, embora também aqui ainda por muito tempo se tenha escrito cartas alemãs usando a *Spitzschrift*. Inclusive os prenomes dos remetentes são afrancesados (Joan Biere Koenings); em menor escala, os do destinatário também. Assim, encontra-se “Monsieur Mathies Peter Lammert”. Isso

reflete exatamente as funções de cada língua: francês para os funcionários do serviço postal no exército, alemão para o destinatário.

O fenômeno mais abrangente são as interferências do francês. No que se refere a esses galicismos, não é fácil distinguir entre antigos e novos, isto é, entre aqueles galicismos que já haviam entrado no alemão *standard* e daí passaram ao Hunsrückisch, ou melhor, que já tinham sido incorporados diretamente ao dialeto antes da ocupação francesa, e aqueles que foram adotados pelos soldados hunsriqueanos através do contato direto com a linguagem de comando francesa, com os camaradas franceses e a população francesa.

Pode também haver ocorrido um empréstimo paralelo, com a consequência de que, através do alemão *standard*, galicismos que já tinham sido incorporados no contato direto foram reavivados. Um indício para o empréstimo direto do francês poderiam ser a forte variação (não reduzida a uma forma *standard* pela norma prescritiva) e as marcas da transmissão oral (vejam-se p.ex. os prenomes *Biere* = *Pierre*, *Schampol* = *Jean-Paul*). O grande número de galicismos também reforça a tese do caminho direto. A maior parte desses galicismos provém, como é de se esperar, da linguagem militar e da vida de soldado. Para o soldado em particular, falante de alemão, muitos desses empréstimos devem ter sido neologismos ou estrangeirismos, e não palavras integradas que já eram de seu conhecimento, e que outros hunsriqueanos já conheciam.

Se pensarmos, em uma perspectiva temporal mais ampla, na relexicalização posterior por meio de palavras portuguesas e espanholas, fica claro, a partir do pressuposto provável de uma continuidade entre soldados e emigrantes, que a nova romanização do Hunsrückisch na América foi de certo modo facilitada, graças aos galicismos paralelos que já estavam presentes nessas línguas e também, naturalmente, devido à proximidade entre essas línguas românicas. Isso também tem motivos extralinguísticos paralelos. Por essa razão, o processo de re-romanização pôde iniciar rapidamente. Afinal, os imigrantes alemães no sul do Brasil vieram de mal a pior. Mal haviam chegado, já foram intimados ao serviço militar, sendo obrigados a lutar em guerras dentro e fora do Brasil.

Entre os vários registros de galicismos militares, selecionamos primeiro alguns que mostram uma forte variação, em seguida citamos outros relativamente estáveis:

*bartelgon / bartelion / batellion / bataglon / bataillion / battallon / batallun / batailoon / batalion / batiljon / batayon / Badallion / badegon / pattalion / patallon / patalgon*

*regement / rigement / regemend / reieiment / regimentet / Rejëment / rement / Réginaent*  
*Companeï / Combeneï / Combanye / Compagine / Combeneï / compagne / Ckumpineï / kambanie / konbanaei / kommenie / Kombanejÿ*  
*Camerat / camarat / kaemerath / kamiraten (Pl.) / kamera-ten (Pl.) kammaratten (Pl.) / Cammeraten (Pl.) / Kamerath-ten / Kammerath.*  
*solda / soldate; Kabedanin / Kabedein / Capitain; caparall / Kaboral / Caporalle; Scharschand (= sergeant), cornel, officier / offezier; boleden (= épauettes), Kasskiet, Kammarßben, Banttelon; paraten (= Paraden), refu gepassiert, brieganden, thisserthör; marchieren / magieren / maschieren / abmasiert / masiert; Gebliesert (= blessé), permission; Wir wissen nicht obt wir bald advanseiren oder reitieren.*

Entre os galicismos administrativos, as formas para *certificat* encontram-se no topo da pirâmide da variação: *Sartifikat / zertificat / serlifikkatt / zerdiekat / zerdiekot / Zärtifikat / zerdifikett / zertifica / serti Viekat / sesterekas.*

De igual modo, o novo *Heimatdépartement de l'Ourt(h)e* (em alemão, *Urt*) aparece escrito em uma série de variantes: *La Orte / l'ourtte / Lourte / Lourde / l'aur / l'aurte.*

Exemplos de galicismos „civis“:

*adieu* (talvez já conhecido antes), *arriviert* (não no sentido ‘ascendido socialmente’, mas de ‘chegar’), *atress / Adres, butelien, brefect, fecserd* (= vexiert), *Komblimen, ich Rekomendir mich in eurem Gebeth / gerikommidirt, plasier, geschansiert / schanschieren, meÿne matant* (= *ma tante*, interpretado como uma palavra, em analogia a *monsieur*), *ich bin noch frisch und gesund und habe gude korasch* (não: ‘corajoso’, mas ‘de boa índole’). Em formas híbridas, ocorre fr. *graisser la marmite* ‘pagar’: *vor die marmit zu Schmiren*

Alguns nomes próprios são recebidos através do francês: *Dresde, Saxe, Mayenze* (< *Mayence*; ao lado de *Mainz / maynz / maens* vindo do *Hochdeutsch* ou do *substandard* falado: *Mentz / meenz*), *Prüßben* (< *la Prusse*, em vez de *Preußen*), *bortigal*.

Olhando um pouco mais a fundo, as variantes parecem menos arbitrárias do que se pode imaginar. A influência da língua receptora é grande, como mostram os problemas em parte já discutidos em relação à realização das consoantes oclusivas e sibilantes: *Badallion / pattalion, thisserthör*. Mas também a língua doadora pode induzir à variação: *batayon* comprova a perda em curso da palatal lateral [λ] no francês comum, *zertifika* é uma realização fonética clara da palavra como é falada; na última sílaba de *zerdifikett* é possível que seja reflexo da centralização do /a/ (para [ɐ]) na área de Paris. Identificamos igualmente que os conhecimentos de francês eram bastante diversos. Quem escreve “*Voila mon adres au 105<sup>eme</sup> Regiment*” já possui um conhecimento mais avançado do que aquele que traduz “*Cassel sché maiense*” direto de “*Kassel bei Mainz*” (em vez de *près de*).

### 7.7 Marcas textuais

No que tange à formatação e organização textual, não faltam, é claro, as fórmulas típicas do estilo de carta: *Vielgeliebster, ich kann nicht unterlassen, an euch zu schreiben, frisch und gesund, ich verbleibe euer getreuster Sohn* etc. Isso comprova, como aliás os chamados remitentes (antecipação da primeira palavra da página seguinte na anterior bem abaixo, cf. carta 7, l. 19-20), que a arte de escrever cartas seguia de alguma maneira modelos precedentes que se buscava imitar. Não sabemos se a prática de escrever cartas constava no programa da escola.

A seqüência do conteúdo segue igualmente um padrão tradicional: cumprimento dos destinatários, pergunta pelo estado de saúde dos parentes e informações sobre a própria saúde; reclamações por cartas não respondidas; em seguida, notícias inofensivas sobre a vida no exército, dificilmente barradas pela censura militar, acompanhadas de uma descrição detalhada da vestimenta; reclamação sobre os preços altos; soldo restante e pedido de envio de dinheiro; então uma longa lista das pessoas a quem enviar saudações e, por fim, a fórmula de despedida e o endereço. A parte informativa sobre a terra e a gente aumenta à medida que os soldados vão se afastando de sua terra natal (*Heimat*). Por essa razão, Johannes Wolff, que escreve de Metz, ainda não tem muito o que escrever (carta 3), mas Johannes Stoff, de Saint Malo (carta 5), e Franz-Joseph Haas, de *Vinzaine* (Vincennes; carta 9), já pode escrever muito mais.

Nem sempre o ordenamento das partes do texto foi bem sucedido. Independente de nosso desconhecimento de muitas circunstâncias e peculiaridades da vida privada do autor, a troca do pronome da 1ª para

o da 3ª pessoa (carta 2, l. 14) dificulta sobremaneira a compreensão. A mudança de assunto dá-se às vezes de forma abrupta, o que não prejudica a transmissão de informação em si, mas a coerência do texto: “*waß mich angehet bin ich noch recht gesund und weider gehet uns schlecht in unser Soldaden leben*” (carta 4, l. 4-6). Às vezes, é preciso adivinhar o significado de expressões idiomáticas, como no caso de “*einen Stein ins Meer werfen*” (carta 4, l. 19), ou de “*nun können sie brief druken wie es uns gehet*” (carta 4, l. 10s.).

## 7.8 A comunicação bem-sucedida

Apesar de tudo, não temos nenhum motivo para considerar que essas cartas, que configuram uma *bricolage*<sup>15</sup> de elementos do Hochdeutsch escrito e falado, do dialeto, alemão regional e um pouco de francês, não tenham cumprido com seu propósito principal de manter a comunicação familiar apesar da distância. É preciso escrever, “*den die Abwesenheit die wer mages nichts dass ich sebst mit euch und mit ihnen sprechen kan*” (carta do marceneiro Hans-Wilhelm Schinck, natural de Hellenthal, aos seus pais, escrita em Wesel, em 24.06.1812). Ou seja: ‘a ausência não impede que eu mesmo possa conversar com vocês e com eles’.

---

15 Ver a respeito H.Thun (2018, p. 276s. [ver nota 9]).